

CANADÁ: PAÍS HOMENAGEADO NA 60ª FEIRA DO LIVRO DE PORTO ALEGRE – 2014

CANADA: COUNTRY HONORED IN THE 60th BOOK FAIR IN PORTO ALEGRE - 2014

Zilá Bernd e Eloína Prati dos Santos¹

Pela primeira vez o Canadá foi o país homenageado pela Câmara Rio-grandense do livro responsável pela organização da 60. Feira do Livro de Porto Alegre. Isto comprova o avanço da penetração desse país nos meios sociais, culturais e econômicos do Rio Grande do Sul.

Em 1991 foi criada a Associação Brasileira de Estudos Canadenses, a ABECAN, que através de congressos bi-anuais e de sua revista *Interfaces Brasil-Canadá*, criada em 2001, não tem medido esforços no sentido de divulgar a cultura e as literaturas de língua inglesa e francesa que caracterizam esse país diverso, multicultural e plurilíngue; o país que mais recebe imigrantes no planeta.

Talvez um dos motivos dessa distinção tenha sido o fato de, em 2013, Alice Munro (1931-) ter recebido o prêmio Nobel de Literatura, por ser considerada “a mestra do conto contemporâneo”. O fato é que, a partir do final de outubro de 2014, desembarcaram em Porto Alegre mais de uma dezena de escritores, ensaístas e editores canadenses representantes da francofonia e da anglofonia. Entre eles, Pierre Ouellet, quebequense de Montreal e professor da Université du Québec à Montréal, poeta premiado com o Prix du Gouverneur Général, a mais alta distinção literária do país, e Claire Varin, tradutora de Clarice Lispector em língua francesa e autora de uma tese sobre a autora brasileira. Essas presenças garantiram uma Feira do Livro animada tanto em lançamentos como em mesas-redondas que abordaram as especificidades da cultura e das literaturas canadenses.

Tendências da literatura canadense

O traço marcante e cativante da literatura canadense, que tem motivado muitos estudos de pesquisadores brasileiros e latino-americanos, é seu

1 Zilá Bernd, professora permanente do PPG-Letras/UFRGS. Pesquisadora CNPq; pesquisa a literatura quebequense. Eloína Prati dos Santos, professora aposentada do PPG-letras/UFRGS; pesquisa a literatura canadense de língua inglesa.

caráter multicultural, contendo elementos do país de chegada – o Canadá – mas também dos países de origem de imigrantes oriundos das mais diversas regiões do planeta. Logo, é o caráter transnacional a característica principal da literatura canadense, marcada pela interpenetração de culturas originando uma literatura híbrida que contém elementos culturais diversos, sem pretender a uma síntese ou a uma homogeneidade. Ela é por natureza mestiça, incorporando inclusive aspectos das culturas autóctones que povoavam o país, hoje conhecido como Canadá, muito tempo antes da chegada dos colonizadores franceses e, posteriormente, ingleses.

Os estudiosos dessas literaturas costumam falar em literaturas canadenses anglófonas e francófonas, isto é, que se exprimem em língua inglesa ou francesa. Elas são realmente distintas na medida em que a literatura canadense em língua francesa reivindica a apelação de “quebequense” ou Literatura do Quebec, pois sua história foi marcada por uma dupla colonização, primeiramente francesa, com a chegada de Jacques Cartier, em 1504, tendo sido posteriormente invadida pelos ingleses após a derrota da batalha das planícies de Abraão, em 1758. Essa literatura irá, portanto, germinar motivada pelo desejo de manter as origens francófonas e de afirmar uma identidade alicerçada na língua francesa no seio de um país que, embora seja oficialmente bilíngue, é majoritariamente anglófono.

Os traços em comum são efetivamente a grande incidência de vozes oriundas de culturas diversas chegadas ao país com os imigrantes o que originou a política do multiculturalismo canadense para gerenciar tal diversidade. Tanto a literatura canadense quanto a quebequense têm, portanto, essa característica comum de se engendram a partir da diversidade, buscando a convergência em torno da ideia de pertença a um país chamado Canadá. De onde a apelação de literaturas migrantes ou transnacionais muito utilizada para caracterizar as literaturas canadenses na atualidade. A literatura canadense de língua francesa ou quebequense (québécoise) se diferencia pela luta em manter a língua francesa dos primeiros colonizadores o que acarreta uma série de traços culturais ligados a essa língua como religião (católica), imaginário e lendas e mitos de origem francesa dos primeiros colonizadores. Além disso, a vocação de autonomia que foi muito forte, pelo menos até os anos 1980, quando se realizou o referendo pela autonomização do Quebec, deu origem a uma literatura cuja marca essencial é a salvaguarda da cultura de origem francesa e a reconstrução de uma identidade própria após a recolonização pelos ingleses. Ambas têm em comum o fato de serem produzidas no continente americano, de serem fruto de culturas transplantadas e de terem passado por processos se-

melhantes de transculturação. Divergem, no substrato linguístico que traz consigo toda uma carga cultural, religiosa e afetiva distintas.

Costuma-se afirmar que as literaturas não refletem a sociedade, elas captam o rumor do discurso social de sua época, recriando-o através dos textos literários que não refletem a realidade do país, mas (re)criam representações dessa realidade. Nesse sentido, a leitura dessas literaturas, embora desvelem muitos aspectos do Canadá, sempre o fazem a partir do ponto de vista do autor, ou melhor, do narrador ou dos narradores dos romances, contos e crônicas. Torna-se, assim, um elemento indispensável para a descoberta do país, ou melhor, a literatura é a porta de entrada para a abordagem de seu imaginário e dos elementos que povoam as mentes de seus habitantes, sem ter a pretensão de dar uma visão unívoca do Canadá ou do Quebec. Nisso reside sua importância e sua magia.

As literaturas europeias têm desde sempre dominado a cena internacional pela longa tradição que possuem. As literaturas ditas emergentes do Novo Mundo, entre as quais estão a brasileira, a canadense, a estadunidense, a caribenha e as hispano-americanas, entre outras, lutam, ao longo desses quinhentos anos desde os descobrimentos, por afirmarem-se primeiramente no âmbito nacional e posteriormente no âmbito internacional. O grande número de prêmios importantes que os escritores das Américas vêm obtendo no país e no exterior mostra sua forte penetração e a excelente acolhida que vêm obtendo na cena cultural internacional. São prova eloquente disso, o grande número de autores canadenses traduzidos nas principais línguas do planeta, além dos prêmios de grande prestígio como o Goncourt, obtido por Nancy Huston, o Nobel, recentemente ganho por Alice Munro, e a aceitação de Dany Laferrière na Academia Francesa de Letras.

Alice Munro é uma das grandes damas da literatura canadense de língua inglesa. Tanto ela como Margaret Atwood, traduzidas na maioria das línguas do planeta, e estudadas nas grandes universidades de diferentes países, poderiam com justiça ter recebido o prêmio. A boa visibilidade da literatura canadense no exterior se deve primeiramente à divulgação das obras dessas duas escritoras, assim como as da escritora quebequense Anne Hébert, já falecida. Todas elas constituem-se em porta de entrada, em passagem obrigatória a todos os que querem penetrar os interiores do Novo Mundo em geral e do Canadá em particular.

No âmbito dos Estudos Canadenses, as literaturas ocuparam sempre um papel relevante com uma boa quantidade de dissertações e teses já defendidas, inclusive no PPG-Letras a UFRGS, *papers* apresentados em congressos de associações de estudos Canadenses através do Mundo, mas também em associações de literatura comparada.

Especificidades da literatura canadense de língua inglesa

Como afirmou Northrop Frye, um dos mais célebres críticos literários do século XX, conhecido por sua *Anatomia da Crítica* (1957), “O Canadá inglês primeiro foi parte da natureza selvagem, depois parte da América do Norte e do Império Britânico, e então parte do mundo” (1995, p. 221). Os canadenses sempre precisaram confrontar uma natureza de características radicais, e isso se reflete com intensidade na sua literatura. Além disso, politicamente, o Canadá foi o palco da disputa entre dois poderes europeus – França e Inglaterra – no século dezoito, além de ter promovido um movimento de independência contra seu poderoso vizinho, os Estados Unidos, no século dezenove. Para entender a literatura canadense de língua inglesa, portanto, é preciso levar em conta a questão central da identidade nacional, passando pela diversidade das identidades regionais, a história, a geografia e o clima do país, bem como a dinâmica de sua multiculturalidade.

No Canadá dos séculos dezesseis e dezessete, só as vozes dos aventureiros e viajantes se faziam ouvir, como no restante do continente americano. Somente no século dezoito começou a ouvir-se uma tímida voz britânica que começava a esboçar a imaginação local a partir de modelos europeus. Desde que as colônias britânicas da América do Norte constituíram a Confederação do Canadá, em 1867, proclamava-se a necessidade de uma literatura nacional. Essa ideia que já existia antes da Confederação, em exemplos como a antologia *Selections from the Canadian poets*, de 1864, organizada por Edward Hartley Dewart (1828-1903), considerava a literatura um elemento essencial à formação do caráter nacional. A partir desta época, o Quebec passou a manter uma resistência franco-canadense frente ao fortalecimento da cultura anglo-canadense, e ambos os lados passaram a narrar uma realidade mais nativa – o inverno, os animais locais, a vida dos imigrantes – em um esforço para se comunicarem com seus próprios habitantes.

No entanto, até o final do século 19, a poesia e o romance canadenses não apresentavam originalidade na forma ou nas imagens evocadas, enquanto o teatro e a crítica apresentavam-se embrionários. Os primeiros a buscarem inspiração em seu próprio país foram os poetas Archibald Lampman (1861-1899), Charles Douglas Roberts (1860-1943) e Duncan Campbell Scott (1862-1947). Roberts é chamado de o pai da literatura canadense pela aclamação internacional e a criatividade de seus primeiros poemas. Também considerado o inventor da história moderna sobre animais, foi dos primeiros a mitologizar com sucesso, em poesia e em prosa, o ambiente das províncias marítimas, do arcadismo, das comunidades rurais

e pesqueiras, da vida nas florestas remotas de New Brunswick. Roberts, além de uma carreira das mais prolíficas, é insuperável em sua fascinação com a interpenetração da civilização com a vida selvagem. Seus poemas expõem uma natureza divina, um espírito que encontra consolo nos ciclos da natureza, enquanto suas histórias de animais mostram violência e destruição, a sobrevivência mera sorte.

O romance surge com Sarah Jeannette Duncan (1861-1922), que centra seus romances no emergente sentido de consciência nacional e luta contra o colonialismo tardio. Os dois romances indígenas de Duncan, *Set in authority* (1906) e *The burnt offering* (1909) lidam com o imperialismo frente ao emergente militarismo nacionalista indígena e ambas as obras mostram simpatia pelos personagens indígenas e aventuram-se por assuntos inter-raciais, embora o melodrama prevaleça no final.

Nas décadas de 30 e 40 já se podia detectar uma identidade canadense na literatura do país, em obras como *Wild geese* (1925), de Martha Ostenso, *Master of the Mill* (1944), de Frederick Philip Grove, e *They shall inherit the Earth* (1935), de Morley Callaghan. Ostenso (1900-1963) cuja ação acontece no período entre a chegada dos gansos selvagens na primavera e sua partida no outono.

As duas guerras mundiais, trouxeram elevados números de imigrantes de todas as partes do mundo ao Canadá, impondo grande dinamismo ao país. O período entre as guerras mundiais encontra uma poesia modernista e um romance realista que se desenvolvem a partir do reforço da identidade canadense como nação, seu desligamento dos laços imperialistas britânicos e sua resistência à poderosa cultura estadunidense. Obras como *As for me and my house* (1941), de Sinclair Ross (1908-1996) e *Two solitudes* (1945), de MacLennan (1907-1990) dão origem a uma consciência nacional e nacionalista, embora tradicionais na forma. O romance de MacLennan recebeu um prêmio Governador General e tornou-se um sucesso comercial. O título, baseado no poema de Rilke, passou a representar a relação disfuncional entre o Canadá anglófono e o francófono, discutida na luta do personagem principal para reconciliar suas duas heranças culturais.

O romance canadense só se desenvolve plenamente depois do final da segunda guerra: a literatura canadense é um fenômeno pós-*boom*, como as demais literaturas da Américas (com exceção da estadunidense). A quantidade de livros publicados e de revistas literárias em circulação, o número de editoras, livrarias e leitores constituem um fenômeno admirável, e a criação do Conselho das Artes contribui para essa expansão ao facilitar a produção e distribuição de livros, peças de teatro, quadros.

Surgem nos anos 60 e 70 figuras notáveis como as romancistas Margaret Laurence, Audrey Thomas e Marian Engel, os poetas Earle Birney e Al Purdy. A crítica literária assume seu lugar entre os gêneros literários canadenses a partir de *A Literary history of Canada* (1965), de Nortrop Frye (1912-1991), e se reforça com a presença de *Survival*, de Margaret Atwood (n.1939) e *Articulating West*, de William Herbert New (n.1938), ambos de 1972.

Poetas notáveis entre os representantes do pós-*boom* estão Leonard Cohen (n. 1934), George Bowering (n.1935) e Michael Ondaatje (1943), todos com incursões bem sucedidas também pelo romance, e legítimos representantes da grande diversidade da literatura canadense. Cohen como membro da comunidade judaica anglófona de Montreal, tornou-se um expoente da música popular famoso por suas baladas e hoje vive como monge budista na Califórnia, onde ainda compõe e escreve.

Bowering como um representante do oeste canadense, originário da Colúmbia Britânica, é autor de vinte e cinco livros de poemas, oito coleções de contos, nove romances, entre os quais *Burning water* (1980), uma sátira sobre a conquista do oeste canadense; foi professor na Universidade Simon Fraser. Foi o primeiro Poeta Laureado do Parlamento Canadense (2002), mesmo ano em que recebeu a Ordem do Canadá; em 2002 recebeu a Ordem da Colúmbia Britânica.

Ondaatje um imigrante nascido no Sri Lanka e canadense naturalizado (1962), romancista e professor universitário, poeta, dramaturgo, cineasta, editor e crítico literário. Seu romance *O paciente inglês* (1992) recebeu os prêmios Booker (o primeiro concedido a um escritor canadense), e Governor General for Fiction in English, que lançaram seu autor ao ápice da notoriedade, acentuada com a oscarizada adaptação para o cinema em 1996. A tradução brasileira do romance (Editora 34, 1997), traz na capa a imagem de uma cena do filme. Em português podemos encontrar apenas outro romance seu, *Na pele de um leão* (Editora 34, 1998), ficção multivocal que trata da contribuição dos imigrantes na construção de obras importantes na Toronto da década de 1920, como o viaduto da Rua Bloor e a Estação de Tratamento R.C., baseado em alguns fatos famosos, como a queda de uma freira e o desaparecimento de Ambrose Small, resgatadas nos arquivos da cidade e em jornais da época.

Muito mudou no Canadá com a chegada de massas de imigrantes de todas as partes do mundo, trazendo suas culturas, seus mitos, sua história, que eles precisam naturalizar de formas mais ou menos intensas e inovadoras para sobreviverem no país adotivo. Esses imigrantes produzem uma literatura dinâmica, variada, de qualidade, todas competindo pelo mesmo

espaço no mercado editorial e nos programas de estudos da literatura canadense. De ponta nessa competição aparecem a poesia sino-canadense, os escritores ítalo-canadenses, os afro-canadenses da Nova Escócia, as vozes indocaribenhas, escritores de comunidades indianas, árabes, polonesas, latinoamericanas, e uma infinidade de outros sujeitos diaspóricos que fazem do Canadá seu novo mundo: Susan Swan, Carol Shields, Joy Kogawa, Dionne Brand, Paul Yee, Evelyn Lau, Rienzi Crusz, Fúlvio Caccia, Rohinton Mistry, Austin Clarke, Bharati Mukherjee.

Em todas as regiões do Canadá surgem ainda, com bastante vigor, vozes aborígenes como as de Jeanette Armstrong (*Okanagan*), Beth Brant (*Mohak*), Basil Johnston (*Ojibway*) Lee Maracle (*Salish-Métis*), Janice Acoose (1954), Thomas King (*Cherokee*), Daniel David Moses (*Delaware*) e Tomson Highway, que se rebelam contra os tipos de “inclusão colonial” das literaturas indígenas nos programas acadêmicos sob denominações como “étnica” ou “multicultural”.

O coioote nas histórias do romancista e professor de escrita criativa Thomas King (*Cherokee*, n.1943) é um personagem que toma várias formas humanas e animais, e por vezes pode ser fêmea, prega muitas peças, mostra inapelável bom humor, age como um mediador entre a cultura indígena e a ocidental, entre índios imersos em suas culturas e índios aculturados e através de sonhos, danças, canções, tenta “endireitar” o mundo, ou partes dele. Outra figura recorrente das “coyote stories” de King é Primeira Mulher, memorável por “re-encenar” a criação do mundo do ponto de vista nativo. “Primeira Mulher trata todos os homens, Deus, Adão ou Noé, como meninos, que por serem lentos, birrentos ou assanhados, precisam de condescendência (SANTOS, 2007, p. 204). King, declara o termo pós-colonial inaceitável em relação às literaturas indígenas. Para King, a literatura pré-colonial não tem qualquer relação com a literatura colonial, “não fazem parte de um ciclo natural ou biológico, nem uma antecipa a outra”. Assim, as literaturas indígenas contemporâneas não podem ser classificadas como pós-coloniais “pelo fato óbvio de que não há um ‘pós’ ao status colonial dos indígenas norte-americanos” (1997, p. 242).

O premiado pianista, romancista, dramaturgo, ativista, educador social autor de livros infantis e professor de mitologia aborígene com obras traduzidas para onze idiomas, Tomson Highway (*Cree*, n.1951) funda em 1996 um Comitê para o Restabelecimento do Trickster, juntamente com Lenore Keeshing-Tobias e Daniel David Moses. Em suas peças de teatro *Dry lips oughta move to Kapusaking* (1989) e *Rose* (2003), Highway nos apresenta uma *trickster* configurada a partir das culturas cree e ojibway, onde o uso

da língua cree cria um diferencial que obriga ao leitor a usar as traduções para o inglês no rodapé dos livros, mas expõe os espectadores das montagens a um esforço maior de compreensão destas outras línguas e culturas.

A escritora salish-cree Lee Maracle é uma das mais prolíficas escritoras canadenses, ativista do Red Power Movement e do Liberation Support Movemen, que se descreve “[...] como uma avó tola, armada de uma colher de chá, determinada a remover as três montanhas do caminho da liberação: a montanha do racismo, a montanha do sexismo e a montanha da opressão nacional” (1996, p. x). Uma das formas de fazer isso, para ela, é a autoficção, que lhe permite examinar as condições de vida da mulher indígena desde “um lugar profundamente pessoal” (p. xi), explícito em *I am woman* (1996), onde a alternância entre poesia e prosa nos aproxima da oralidade das narrativas indígenas.

A questão da mestiçagem e a história de opressão contra as mulheres indígenas é examinada ainda pela sakimay-canadense Janice Acoose, que ostenta com orgulho o termo “mestiça”, baseada no famoso romance autobiográfico de Maria Campbell, *Halfbreed* (1973). Como prova da injusta permanência do estigma racial, Acoose compila uma lista autoficções de mulheres indígenas canadenses: Emma LaRoque, Beatrice Culleton, Jeanette Armstrong, Lee Maracle, Ruby Slipperjack, Marie Anneharte Baker, Beth Cuthand, Louise Halfe, Patricia Monture-Okanee, Monica Goulet, Marylyn Dumont, Mary Sky Blue, uma lista de “mulheres que sobreviveram para contar suas histórias e encontram solidariedade e conforto entre suas irmãs” (1995, p. 104).

A medida de todas essas reflexões sobre a literatura canadense reside exatamente no fato irônico do reconhecimento de que ela constitui uma das mais produtivas, variadas e originais literaturas do pós-boom e ao mesmo tempo está longe de merecer o reconhecimento mundial que merece, a não ser por alguns grandes nomes. Mesmo dentro do Canadá competem por espaço nos programas de inglês com as literaturas inglesa e estadunidense. É bem provável que muitos brasileiros nunca tenham lido ou sequer ouvido falar na maioria dos grandes autores canadenses, além de Atwood, a mais traduzida dos autores canadenses globalmente e frequentadora dos jornais e revistas brasileiros por sua presença na FLIP de Paraty, ou de Michael Ondaatje, identificado como o autor do romance que deu origem ao belo filme *O paciente inglês*.

Em um país coberto de livros ingleses e filmes estadunidenses por um lado, e totalmente globalizado por outro, a literatura representa um desafio para todos os escritores canadenses, nativos, imigrantes de várias gerações ou recentes em termos de busca de identidade, de preservação de memória, de penetração no mercado editorial.